

POR UMA EXPERIÊNCIA DE CINEMA NA ESCOLA

Lidia Lobato Leal, doutoranda no OLHO¹/FE-UNICAMP
llead19@gmail.com

E, no entanto tudo se move, onde está o aqui?²

Lidia Leal

Esta é uma pesquisa em andamento (no PPG em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP) e Método Cartográfico, que implica na análise de filmes, documentos e entrevistas, buscando compreender que tipo de variação/mudança o Programa “Cinema e Educação: a experiência do cinema na escola de Educação Básica Municipal” (2016) atravessou/imprimiu/possibilitou nos docentes que tiveram contato com ele durante sua realização desde sua implementação através da parceria firmada entre o Grupo de pesquisa OLHO/ UNICAMP com a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Campinas até o presente momento. Pretende-se conhecer as reverberações das oficinas de cinema em sua produção/experimentação audiovisual, as relações estabelecidas e mediadas pelo uso de imagens (ou mesmo sua ausência) durante a parceria entre a SME e o grupo OLHO/UNICAMP. Estou analisando os filmes produzidos por docentes e Trabalhadores da Educação Básica que participaram das Oficinas no Museu da Imagem e do Som (MIS- Campinas -2016 até o término de meu doutorado 2020), mais adiante, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com esse mesmo público. Os docentes que participam da pesquisa são os professores vinculados à Secretaria Municipal de Educação de Campinas e também trabalhadores da Educação Básica municipal que participaram das Oficinas do MIS em 2016 e docentes que participaram das oficinas realizadas em suas escola pelos pesquisadores do Grupo OLHO/FE/Unicamp, resultado da parceria entre SME e FE/Grupo OLHO- Unicamp. A análise dos dados oriundos da produção/realização de filmes, é por análise de dispositivo³, articulando com a escrita cartográfica, buscando conhecer os atravessamentos que as imagens possibilitam. Após a efetivação dessas etapas, serão feitas as articulações necessárias para a elaboração da tese de doutorado. Espera-se contribuir para o campo teórico da Educação Básica, com possibilidades de ampliação de estudos já realizados, aprofundando-os com base no

¹ Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

² MASSEY, D. Pelo Espaço: Uma nova Política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. P.199

³ Dispositivo- Conjunto de elementos e regras impostas para se fazer cinema, filme, plano (MIGLIORIN, 2015)

contexto que se quer pesquisar, bem como fornecer subsídios para o fortalecimento de ações institucionais de desenvolvimento profissional docente.

Qual o contexto?

Com a promulgação da Lei Federal n. 13.006, de 26 de junho de 2014, -que acrescenta o inciso 8º ao artigo 26 da Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB 93494/96) - que tornou obrigatória a exibição de duas horas de cinema nacional como componente curricular complementar, integrado à proposta pedagógica da escola; Tornou-se necessário conhecer como os docentes estão lidando não apenas os desafios de tal obrigatoriedade, mas também que outras implicações, ausências ou rasuras estão sendo feitas para que esta lei seja cumprida enquanto política pública. Vale ressaltar que esta pesquisa tem como foco a perspectiva dos *Trabalhadores* da Educação Básica, professores, auxiliares de sala, orientadores pedagógicos que se deparam com a necessidade de implementar a legislação no cotidiano da escola, que impressões, dificuldades e/ou surpresas se apresentam nestas trajetórias que se cruzam no interior da escola. De acordo com Adriana Fresquet, (2015) existem três crenças sobre o cinema na escola: A primeira de que o cinema é capaz de intensificar invenções de mundo; A segunda é de que a escola é o espaço onde o risco dessas invenções podem, e se desejam que sejam intensificadas, é a aposta na escola como espaço onde estética e política podem coexistir; A terceira é no jovem, na criança, no professor, é uma crença na inteligência intelectual e sensível dos que frequentam e pensam/dialogam com a escola. Torna-se relevante conhecer o alcance da Lei aonde de fato, ela deve ser aplicada -na escola - com os trabalhadores que a estão implementando. O ponto relevante é compreender como a atuação desses trabalhadores pode contribuir para a existência de uma escola democrática, crítica e criativa, capaz de atuar no mundo. Segundo Migliorin (2015, p. 10) _referindo-se ao projeto Inventar com a diferença/2013-2015_ “com a produção de imagens, o aprendizado passava necessariamente por uma relação criativa e crítica por parte dos alunos” e no caso em que esta pesquisa se insere, é apostar nos docentes que participam do Programa “Cinema & Educação: A Experiência na Escola de Educação Básica Municipal”.

Migliorin (2015) propõe uma educação para o uso do cinema nas escolas que pense as imagens como forma de atuação criativa e crítica a partir do uso da câmera para produzir e experimentar imagens. Ao tratar de cinema, argumenta que não basta uma assistência de cinema nas escolas, mas, sobretudo partir da experimentação através de dispositivos audiovisuais.

E o que são as imagens, quando falamos de cinema? “São fruto do encontro entre uma máquina, um sujeito – ou vários- e algo que está no mundo” (MIGLIORIN, 2015, p. 35), mas as imagens mantêm em si um caráter de duplicidade, uma vez que ao se referir no real também são recortes do real feito por aquele/a que opera a máquina. É por isso que se torna relevante conhecer os atravessamentos dos trabalhadores da Educação Básica que produzem filmes em suas escolas. Esta é também a oportunidade de encontrar a “simultaneidade de histórias-até-então” (MASSEY, 2009, p. 190) de compreender o fazer filme nesse Programa como possibilidades de conhecer uma enorme “coleção de histórias” (MASSEY, 2009, p. 190) que se tornaram possíveis de serem vislumbradas através do cinema, do indizível das imagens, dos sentidos gerados e extrapolados em cada novo desafio disfarçado de dispositivo.

Gostaria de refletir aqui sobre as dobras possíveis entre Escola e Cinema⁴. Como as imagens questionam o estar no mundo, retorcem e contorcem entendimentos de lugar. Quero pensar que os entrelaçamentos entre imagem, escola e cinema estão tão misturados que a tarefa de destrinchá-los também é nossa enquanto grupo de pesquisa (OLHO/GEIE) e também deste trabalho. Para tanto, o uso da ideia de dispositivo para a produção de cinema na escola, tem se mostrado uma experiência possível.

Torna-se necessário lidar com um termo enquanto categoria, para poder situar o leitor sobre os sentidos que o Grupo Olho tem debatido acerca de Dispositivo. Em Foucault desde *A História da Sexualidade* e *A Vontade de Saber* essa categoria se apresenta como “um conceito operatório multidisciplinar” (MARCELLO, 2004, p. 200), pois aparece através de enunciados discursivos e não-discursivos utilizados em diversas esferas da vida. Deleuze (1990) dissecou os dispositivos em Foucault, e os apresenta como possuidores de ao menos duas dimensões: As *curvas de visibilidade* e as *curvas de enunciação*. “(...) A visibilidade não se refere a uma luz em geral que iluminará objetos preexistentes, está repleta de linhas de luz que formam figuras variáveis e inseparáveis deste ou daquele dispositivo” (DELEUZE, 1990, p. 155. *Tradução nossa*). Os dispositivos “são máquinas para fazer ver e para fazer falar” (DELEUZE, 1990, p. 155. *Tradução nossa*). Desse modo, ao pensar em curvas de visibilidade do dispositivo em Foucault, Deleuze nos adverte que estamos lidando também com a enunciação, pois quando observamos o dispositivo “prisão”, por exemplo, este funciona com toda uma

⁴ Cinema entendido aqui como aparato de mídia e que se relaciona esteticamente com a arte, com a tecnologia mediada pela máquina e a instituição social criada em seu entorno. (MIRANDA e GUIMARÃES, 2014)

lógica de ver sem ser visto, o que implica em uma historicidade dos regimes de luz e assim, portanto de enunciação, daquilo que pode ser dito e o que pode ser também invisibilizado.

Para Foucault, o dispositivo implica em *Linhas de Forças*, que “traçam tangentes, envolvem os trajetos de uma linha com outra operando idas e vindas, desde o ver ao dizer e inversamente, como flechas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras, que não cessam de travar uma batalha.” (DELLEUZE, 1990, p.156. *Tradução nossa*). Segundo Deleuze as linhas de força referem-se à dimensão do poder.

Ainda levando em consideração os apontamentos de Foucault sobre dispositivo, restam as Linhas de subjetivação. Tais linhas não lidam de forma alguma com formas de determinação preexistentes ou algo que já esteja pronto ou acabado, pelo contrário as linhas de subjetivação não são nem saber (curvas de visibilidade ou enunciação) nem um poder (Linhas de forças). “É um processo de individuação que tem a ver com grupos ou pessoas e que subtraem relações de forças estabelecidas com saberes constituídos: É uma espécie de mais valia” (DELLEUZE, 1990, p.157. *Tradução nossa*). Em resumo, os dispositivos para Foucault operam nas dimensões do saber, do poder e da subjetivação.

Ao propor trabalhar os filmes com linhas duras e linhas flexíveis (MIGLIORIN, 2015) nos abrimos às dimensões do saber que estão postas na escola, suas visibilidades e invisibilidades, seus mecanismos de silenciamento e possibilidade de enunciação, nas linhas de forças que lá se colocam, os atravessamentos possíveis nas subjetivações que fazem parte da escola. Penso que estas categorias (curvas de visibilidade, enunciação e subjetivação). Já estão postas na escola os dispositivos agenciados pelos trabalhadores da educação Básica, é que trarão à tona tais categorias. Para Migliorin (2015, p. 78)

o dispositivo é a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido [em nosso caso a escola]. Ele pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites recortes; e outra de absoluta abertura, dependente da ação dos atores e de suas interconexões.

Baixo exemplifico através da experiência na Escola Sylvia Simões Magro, as implicações dos dispositivos conforme apresentado por Migliorin.

Uma Experiência

Para exemplificar melhor o dispositivo, relato meu primeiro contato com as oficinas do programa “Cinema & Educação: A Experiência do cinema na Escola de educação Básica”, implementado a partir de 2016 no Município de Campinas/ SP. Acompanhei a professora Marina Mayumi em suas oficinas “Cotidiano Reinventado”,

ministradas na EMEF Sylvia Simões Magro⁵ isso me fez observar as atuações docentes no campo do cinema. Tal como Miranda e Guimarães (2014, p. 155) expõem,

A educação pode assim inventar outras educações visuais/estéticas, não sobre, mas com o cinema. Nossas proposições são manifestações do desejo de que educação e cultura dialoguem de forma propositiva em busca de transversalidade em ambas as práticas sociais formativas.

Essas outras educações possíveis são notadas nas falas dos docentes participantes da oficina “Cotidiano Reinventado” e sua surpresa e estupefação ao se darem conta das potências envolvidas nos exercícios realizados por eles. Desde a dissociação de som e imagem, à reinvenção de “realidades” através de *stop motion* ou *pixilation*. Outras educações possíveis operaram através das (im)possibilidades impostas pelos dispositivos⁶ empregados durante as oficinas realizadas.

Os desafios estéticos, os desafios temáticos, morfológicos do cinema estavam presentes a todo instante e somando-se a isso os desafios da escola ou do cinema na escola pôde ser pensado através do diálogo e das proposições que os grupos se permitiam experimentar. Permito-me agora um encontro com Cezar Migliorin (2015, p.129), onde em uma atividade com um grupo de estudantes em Recife perguntou a uma jovem “_ O que você achou do minuto [Lumière] de sua amiga?” e ela responde “_ Gostei, é cinema!”. A jovem que respondeu à pergunta tinha advertido sua amiga para que não fizesse o seu Minuto Lumière naquela rua pois o lugar “era feio”, mas ao trazer os movimentos ao fundo, as paredes mofadas à câmera e posteriormente assistir em conjunto, uma mudança na percepção foi operada, “havia um deslocamento feito pela imagem que fazia com que a percepção da menina fosse alterada, a experiência com o local parecia sofrer uma real mutação” (MIGLIORIN, 2015, p. 129). Nas palavras de Migliorin o deslocamento promovido pela imagem alterou a percepção e também pude verificar esse processo na Oficina Cotidiano Reinventada. Em um exemplo bem específico foi solicitado às participantes que fizessem um filmes de um minuto onde pudessem experimentar imagem com uma palavra sorteada. A palavra foi “Dor”, mas por uma questão de caligrafia elas entenderam “Por”. Isto trouxe uma quebra ainda maior, pois elas relataram que ao ter que realizar um filme onde um verbo era o elemento a ser “filmado” a “zona de conforto” foi destruída, forçando-as ainda mais. É isto que chamo de deslocamento, fratura.

⁵ Parceria estabelecida entre a Prefeitura Municipal de Campinas/SP- SME e a UNICAMP através do Grupo OLHO no ano de 2016.

⁶ Conjunto de elementos e regras impostas para se fazer cinema, filme, plano (MIGLIORIN,2015)

Nesse acompanhamento pude entrar em contato com meus próprios limites, com os limites e possibilidades do grupo da escola Sylvia S. Magro, com os limites dados pelo cinema enquanto realização na escola. Além de refletir, sobre as conversas e experimentações realizadas, mas, sobretudo pensar em voz alta junto com as pessoas do Grupo OLHO. Nas oficinas estávamos sempre lidando com a impossibilidade, principalmente do tempo, pois, tínhamos uma hora de atividade e sempre o nosso planejamento se alterava devido a imprevistos. Foram seis oficinas, pois os limites de tempo dos encontros no horário de reunião colocavam à prova as formas de fazer cinema na escola com tempo tão exíguo. Desejo aqui, esgarçar as possibilidades de como a experimentação nos aproxima do cinema e pôr em consideração que Escola e Cinema são instâncias de criação estética e do indizível tanto para a criação de imagens quanto para a educação em diversas áreas do conhecimento. Portanto ao pensar as experimentações realizadas junto com os docentes participantes da Oficina na EMEF Sylvia S. Magro, pude reelaborar minha própria criação, uma vez que relatávamos nossas experiências no Grupo Olho e também na Disciplina que fazíamos, esses relatos aconteceram através de animações e filmes.

Para esta tarefa reflexiva me aproximo de Osmar Gonçalves (2014), quando pensa a arte, o cinema, a fotografia, como possibilidades, migrações e dissolução de fronteiras chamando-as de *obras sem lugar*, pois “parecem pôr em movimento um pensamento oblíquo e transversal, modos de sentir e pensar que se produzem no cruzamento, na contaminação entre diversas artes e linguagens” (GONÇALVES, 2014, p. 10). Penso que o cinema na escola vai por este caminho, principalmente quando abordamos o dispositivo⁷, ou linhas duras que são colocadas para pensar uma cena, um quadro, uma imagem. “Parece que essa relação do cinema com a alteridade e com a comunidade se expressa justamente nos possíveis deslocamentos que o cinema faz com os objetos do mundo: produzindo estranhamentos, novas formas de olhar, sentir e intervir no real” (MIGLIORIN, 2015, p.130). A dissolução de fronteiras oportunizada pelo cinema e pelas *obras sem lugar*, pelos estranhamentos causados nos participantes das oficinas na escola Sylvia Simões Magro me permitiu reelaborar meu repertório visual, meu contato com os docentes e possibilitou uma aproximação maior com Marina Mayumi, o que considero relevante para a pesquisa, já que essa aproximação atravessou minhas então sólidas convicções sobre “levar algo a um grupo” esperando uma alteração partido de mim

⁷ Conceito vinculado à Pedagogia do Mafuá, ver MIGLIORIN, 2015.

enquanto docente. Naquele momento eu não entendia como um docente pode ser um propositor sem ser diretivo; Nesse sentido, participar daquelas oficinas como observadora me trouxe a força desse ensinamento. Mais uma lição deleuziana a aprender; deslocar o professor como “agente de um saber que ele domina” (ORLANDI, 2011, p. 148) para aquele que busca algo que o desafia “no aprendizado, portanto, a busca é desencadeada por algo que intensifica a sensibilidade e força todas as outras faculdades a irem além de sua inércia habitual de um saber abstrato” (ORLANDI, 2011, p. 148), pois nos encontramos com signos, que nos coagem a pensar.

A dissolução de fronteiras operadas por essas *Obras sem Lugar*, provocam um curto-circuito não apenas no universo das galerias, exposições, bienais, no cinema e no público “iniciado” em arte; Pois, ao serem trazidas para o contexto da escola esse (não)lugar, tão cheio de regras e impossibilidades começa a ser balançado, fraturado ainda mais. No sentido Deleuziano, os signos que nos forçam e nos coagem são os responsáveis pelo curto-circuito e pelo emaranhamento do aprender. A confusão instala-se e nós vibramos, nem sempre tão entusiasmados, às vezes muito mais preocupados do que deveríamos.

Antes de acompanhar Marina Mayumi como colaboradora/observadora de sua oficina eu iria para outra escola com minha própria oficina planejada, o que acabou não se concretizando por questões burocráticas. Pessoalmente, além da decepção de não ter podido conduzir a oficina que eu havia planejado, ainda estava lidando com o terreno movediço de participar/acompanhar uma docente com quem eu ainda não havia trabalhado de forma coletiva/colaborativa e que a princípio (assim como eu) também estava insegura em como pensar a Lei 13.006/ 2014, sua aplicabilidade na escola e trabalhar cinema via dispositivo. Ambas estávamos apreensivas. Mas isso era minha preocupação prévia, pois quando chegamos na Escola Sylvia Simões Magro outros atravessamentos que já estavam lá foram sendo trazidos à vista. Entre leituras, debates no Grupo OLHO, os encontros de planejamento com Marina e as oficinas as dúvidas ora amainavam ora, pareciam intransponíveis, mas com a colaboração e discussão entre todos os participantes das oficinas, os dispositivos foram se mostrando ferramentas viáveis para tentar compreender/perceber/sentir a maquinaria presente na escola.

Por exemplo, fui percebendo que não se aprende *como* alguém faz algo mas *com* alguém (ORLANDI, 2011). Com esta simples mudança perceptiva, uma das muitas chaves viraram em minha mente. Fui levada à uma coação do pensar, ao aprender junto. E isso me retirou, naquele momento, do universo do “modelo solucionático” (ORLANDI,

2011, p.149) para uma perspectiva da inserção de campos problemáticos. O que pretendo comunicar aqui é: Ao trabalhar com dispositivos nas oficinas do Programa Cinema & Educação, pudemos vivenciar os campos problemáticos, não com algum intuito de solução para as fraturas que foram surgindo (e que já estavam presentes), mas apenas aprender com esses campos problemáticos, tendo o horizonte de que estamos envolvidos no caos cotidiano que atravessa a escola e todos os que estão ali.

Aos poucos fomos nos reorganizando nesse cenário e com os dispositivos, as linhas duras trazidas para as oficinas, a insegurança de lidar com o desconhecido, foi tornando-se menos assustadora, não como receitas ou fórmulas dadas, mas como possibilidades infinitas sobre si mesmas do que se poderia fazer com as imagens, de como se poderia utiliza-las nessa conversa entre escola e cinema. Era como se pouco a pouco essa areia movediça, antes tão ameaçadora, agora fosse a nossa casa. Desenvolvemos laços de afetividade e inventividade -alguns mais estreitos e outros nem tanto.

Aliás, tenho aprendido que é importante a participação de quem está interessado no processo, que muitas vezes não adianta ter uma plateia grande como audiência, se o comprometimento também não estiver presente. Se minha vaidade docente em ter uma audiência grande e atenta era a princípio uma necessidade pessoal, as conversas no OLHO foram me tranquilizando, para que fizéssemos nosso trabalho da maneira que era possível. Encontrar aqueles docentes naquela escola trouxe a possibilidade de ver a escola como espaço onde é possível encontrar a “simultaneidade de estórias-até-então” [entendendo os lugares] como coleções dessas estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço” (MASSEY, 2009, p. 190) e que se apresentam no interior da escola através das diversas trajetórias possíveis que ali estão dispostas, justapostas e até contrapostas.

Em nossa vivência nesta escola (de setembro a novembro de 2016) fomos conversando e trabalhando com as linhas duras (dispositivos) propostos na oficina, participamos da mostra Kino Campinas/2016 com um filme produzido durante o processo de oficinas e isto estimulou bastante os participantes da oficina a pensar sobre o dispositivo, sobre os deslocamentos (im)possíveis causados pelas imagens, suas potências na escola e sobretudo entender que o que julgavam limitação de ordem técnica (não ter câmera profissional) poderia ser superado com celulares, com experimentação, insistência, observação da produção e reelaboração.

Gosto de pensar em uma passagem de um texto de Luiz Orlandi (2011, p. 150) onde ele diz que “o caos é o inimigo aliado do pensar que o enfrenta. Por quê? Porque os

encontros intensivos entre ambos é que restauram a possibilidade de criação, a possibilidade do novo em cada uma dessas frentes” -as frentes a que ele se refere são a filosofia, a ciência e a arte. Ou seja, as frentes de combate a que estamos emaranhados na escola. Assim, foi possível vislumbrar que ao produzir imagens através dos filmes, estávamos tecendo estórias em constante processo. Dentro da geografia proposta por Doreen Massey, este pode ser também um entendimento de lugar, um sentido global de lugar, um sentido aberto “(...)como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada” (MASSEY, 2009, p.191). Talvez não seja compreendida ao aproximar esse entendimento de lugar a um também possível entendimento de cinema, já que as imagens em processo também deslocam o lugar em que são produzidas de qualquer sentido fixo transportando-o para variáveis dinâmicas ilimitadas.

Após o acompanhamento das oficinas realizadas compreendo de forma mais aproximada o que Gonçalves (2014) quis mencionar ao refletir que a lógica do contrabando e da mestiçagem se relaciona com o fazer cinema na escola, pois levamos para as oficinas fragmentos de filmes e filmes desconcertantes e até inclassificáveis, ou *obras sem lugar*, que foram apresentados não necessariamente em salas de exibição cinematográfica, mas principalmente em galerias ou outros lugares, muros, outras paredes. Filmes como “Short Waves” (2013), “L.E.R” (João Angelini, 2007), “Pedra como Passagem” (Grupo EmpreZa, 2009), “Desvios, derivas, contornos” (Lucas Banbozzi, 2007), entre outros foram pensados na oficina para sacudir a noção de cinema dentro de uma narrativa já muito utilizada e vista no cotidiano da “seção da tarde”.

Queríamos nos utilizar da surpresa e do desafio imposto pelas linhas duras que os dispositivos propostos traziam. O que posso pensar agora já com certo distanciamento dos dias passados é que a surpresa gerada nos participantes das oficinas (e em mim) foi muito gratificante. Ouvi-los perguntar se o que eles estavam fazendo era cinema, e nós não respondíamos nem sim nem não; apenas trazíamos esses *filmes sem lugar*, para que fossem recortados, dissecados, remontados com outras possibilidades técnicas, temáticas e outras vivências para que fossem (re)inventados. Sem trazer uma resposta pronta, apenas o ponto de interrogação como ponto de partida; além de seu entusiasmo e felicidade por eles participarem com uma de suas produções na Mostra Kino Campinas 2016.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. Qué es um dispositivo? In: BALBIER, E. (et. Al.) Michel Foucault, filósofo. Trad. Wanderson Flor do nascimento. Barcelona: Gedissa, 1990. Pp. 155-163.

FRESQUET, Adriana. (Org.). Cinema e educação: A Lei 13.006 reflexões, perspectivas e propostas. 1ª ed. Belo Horizonte: Universo Produções. 2015. V. 1. 110 p.

GONÇALVES, Osmar. Narrativas Sensoriais. In: GONÇALVES, O. (org). *Narrativas Sensoriais*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

MARCELLO, Fabiana de A. O Conceito de Dispositivo em Foucault. Mídia e Produção Agonística de Sujeitos Maternos. Revista Educação & Realidade, 29(1), Jan./Jun., 2004, pp.199-2013.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente Cinema: Educação, Política e Mafuá*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MASSEY, Doreen. Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MIRANDA, Carlos E.; GUIMARÃES, Luis G. Cinema na escola: Da formação de professores para a prática escolar. In: Dossiê *Cinema e Educação: A Lei 13.006/2014*. Reflexões, perspectivas e propostas. Ouro Preto: CINEOP- Universo Produções, 2014.

ORLANDI, Luiz. Deleuze- Entre o caos e o Pensamento. In; AMORIN, A. C.; GALLO, S.; OLIVEIRA Jr. (Orgs.). Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e.. Petrópolis, RJ; Brasília, DF : CNPq, 2011. Pp. 145-154.